

ROTHA

Cultural

**Jornalismo
para preservar
histórias,
memórias
e identidades**

Edição nº 19 - Maio 2025

**Santa Rita
de Cássia:
Tradição
e fé como
patrimônio
cultural e
religioso de
Monlevade
e região**

Pág 3

 /ROTHACULTURAL

Estátua de Santa Rita, em Pacas, tem 10 metros

Foto: Erivelton Braz

Museu da Cidade Alta:

Projeto busca resgatar a memória de um dos bairros mais emblemáticos de João Monlevade

Por Erivelton Braz

Em João Monlevade, um grupo de ex-moradores do antigo bairro Cidade Alta, está mobilizado para realizar um sonho coletivo: a criação do Museu, Memória e História de um Povo. O objetivo é preservar a memória de um local que marcou a vida de muitas famílias e que foi desativado em 1986 para dar lugar à expansão da antiga Belgo-Mineira, hoje, ArcelorMittal.

Uma das idealizadoras do projeto, Walquíria Elizabeth Rodrigues, explica que o grupo é formado por dez voluntários e atua como uma associação não governamental, sem fins lucrativos. “Nosso carro-chefe é a história da Cidade Alta, mas também estamos incluindo as regiões vizinhas, como os bairros Industrial, Santa Cruz, Pedreira e ruas históricas como Tabajaras, Tupis, Aimorés, Guaranis, Tocantins, Beira Rio, entre outras”, relata.

O museu, segundo Walquíria, deve ser instalado em um imóvel histórico, localizado na Rua Siderúrgica, núme-

ro 44, onde a saudosa Maria Luzia de Oliveira ou Dona Luzia do Cartório celebrava casamentos civis. Personalidade do século XX, ela foi referência por onde passou e era uma referência comunitária. O espaço abrigará exposições, videoteca, brinquedoteca e uma maquete completa do bairro Cidade Alta, hoje, desaparecida fisicamente.

RESGATE HISTÓRICO E EMOCIONAL

A proposta, conta Walquíria, é reunir registros da história de vida de antigos moradores e da formação urbana da cidade, por meio de fotos, documentos, mapas, jornais antigos e entrevistas. O historiador e professor Dilson Mauro, um dos membros do grupo, é responsável pela curadoria histórica das informações. “A Cidade Alta era um lugar de convivência harmoniosa. A saudade nos impulsionou a iniciar esse projeto”, conta Walquíria.

A associação já está confeccionando um busto de Dona Luzia para ser instalado em frente ao museu, homenageando não só a personagem, mas toda a memória comunitária daquele espaço.



Cidade Alta: o bairro que desapareceu do mapa, mas segue vivo nas memórias de gerações de monlevadenses

CULTURA, ECONOMIA E TURISMO

O projeto prevê ainda uma frente de artesanato e produção de lembranças que valorizem a identidade cultural local. A expectativa é transformar o museu em ponto turístico e cultural da cidade, contribuindo para o desenvolvimento local e valorizando a memória operária de Monlevade, especialmente no contexto da indústria do aço.

“A cidade não tem quase nada voltado para o turismo. Estamos no Caminho Real e queremos aproveitar essa localização estratégica para oferecer algo novo, que conte a história do povo e desperte o interesse das

novas gerações”, reforça a Walquíria.

FESTA E CAMPANHA POR ACERVO

No dia 12 de julho, das 14h às 21h, o grupo realizará uma festa no Recanto das Palmeiras, no bairro Tanquinho 2, com a finalidade de arrecadar peças para o acervo do museu. A meta, segundo Walquíria, é reunir o máximo de objetos históricos possível. Para tanto, a organização faz um apelo à comunidade para doações de itens antigos. “Toda peça será cuidada com carinho, com registro do nome da família doadora. É uma forma de eternizar memórias familiares dentro da his-

tória da cidade”, afirma Walquíria.

APOIO E RECONHECIMENTO

O projeto já começa a atrair olhares de fora. Segundo Walquíria, a Rede Globo já demonstrou interesse em conhecer a iniciativa. “Mas antes que isso vá para fora, queremos que os meios de comunicação da cidade conheçam e valorizem o

nosso trabalho. Esse é um patrimônio nosso”, destaca.

Além de Walquíria e do professor Dilson, o grupo é composto por Vianey Frade Vieira, Rubens José Vieira, Wenderson Charles Realino, Carlos Roberto Guimarães, Lucília Maria Santiago Linhares, Ednei de Souza Xavier, Valter Marcelino, Geraldo Geovani Silva e Maria das Graças de Freitas.

(*)Erivelton Braz é Mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, professor de Literatura, jornalista e escritor. Fundador da Rotha Assessoria e editor do Rotha Cultural



EXPEDIENTE: JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.000 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Gláucio Santos
Mário Ananias

Fé e Tradição

Festa de Santa Rita de Cássia como Patrimônio Cultural de Monlevade e Região

Em maio, mês dedicado a Santa Rita de Cássia, duas importantes comunidades, de João Monlevade e São Gonçalo do Rio Abaixo, renovam, com fervor e alegria, a tradição de homenagear a padroeira das causas impossíveis. Mais que um evento religioso, a Festa de Santa Rita representa um verdadeiro patrimônio cultural, que há décadas fortalece a identidade, a fé, memória e a união dos moradores locais.

Em 2020, o governo do então prefeito Antônio Carlos Noronha Bicalho construiu uma imponente estátua da Santa, ao lado da igreja de Santa Rita, em Pacas. O local se tornou um importante símbolo da fé da região, além de um marco cultural que atrai visitantes e reforça a identidade do lugar. O encontro vai além da

prática religiosa: é uma oportunidade para fortalecer laços comunitários, reunir fiéis e manter viva uma devoção que atravessa gerações e atrai novas. Crianças da comunidade fazem a tradicional coroação a Nossa Senhora ao fim de cada missa. A festa em honra a Santa Rita, terminou no dia 22, com a tradicional procissão por ruas e avenidas do bairro, distribuição de rosas abençoadas e Missa Festiva.

PACAS: DEVOÇÃO EM SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO

Terminada a festa de Santa Rita em Monlevade, outra festa, começa, em Pacas, distrito de São Gonçalo do Rio Abaixo. Na próxima semana, entre os dias 29 de maio e 1º de junho. O tríduo preparatório, seguido de missas, procissões e orações, mobi-

liza toda a comunidade na igreja que leva o nome da Santa.

Desde 2020, uma imponente estátua de Santa Rita de Cássia, instalada pela Prefeitura, se tornou um importante símbolo da fé da região, além de um marco cultural que atrai visitantes e reforça a identidade do lugar.

DONA RITINHA, DEVOTA CENTENÁRIA

Entre as incontáveis histórias de devoção que compõem a Festa de Santa Rita, uma se destaca de maneira especial: a de Rita Mota Moreira Bicalho, carinhosamente conhecida como Dona Ritinha. Prestes a completar 100 anos em julho deste ano, Dona Ritinha é um verdadeiro ícone da fé em Santa Rita de Cássia e da preservação das tradições religiosas na região.

Ministra da Eucaristia, ela conta como Santa Rita inspirou sua vida. “Herdei a devoção à Santa Rita do meu pai, que conhecia a sua história de muitas virtudes e milagres extraordinários, por isso me deu o nome de Rita”, conta. Sua trajetória de fé se intensificou após mudar-se para Pacas, onde, inspirada pelas pregações do saudoso Padre João, de São Gonçalo do Rio Abaixo, aprofundou sua devoção.

Um episódio marcante em sua vida reforçou ainda mais essa ligação: “Quando minha filha Maria Elisa tinha sete anos, ficou sem andar, devido a uma descalcificação óssea na cabeça do fêmur. Fiz uma promessa a Santa Rita e, após um longo tratamento, fomos à igreja de Pacas para cumprir o voto. Lá, ela conseguiu caminhar do altar até a porta principal, sob os olhos da santa da minha devoção”, testemunha.

Desde então, Dona Ritinha nunca deixou de confiar na intercessão de Santa Rita de Cássia: “Ela sempre foi minha força e amparo nos momentos difíceis. Minha filha nunca mais teve problemas ortopédicos e, há mais de 40 anos, fazemos caminhadas matutinas juntas. Santa Rita continua sendo, até hoje, minha intercessora nas causas impossíveis.”



Erivelton Braz

Estátua de Santa Rita, em Pacas, é também atração turística

TRADIÇÃO E FÉ COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Histórias como a de Dona Ritinha mostram que as festas religiosas de Santa Rita de Cássia são mais do que eventos espirituais: constituem um patrimônio imaterial, que integra a cultura, a memória e a identidade das comunidades de João Monlevade e Pacas. Essas celebrações reforçam o sentimento de pertencimento, transmitem valores e mantêm viva a tradição, unindo diferentes gerações em torno de um legado de fé.

SANTA RITA: A PADROEIRA DAS CAUSAS IMPOSSÍVEIS

Santa Rita de Cássia, nascida no século XV em Roccaporena, na Itália, é um dos símbolos mais

fortes da devoção católica. Sua trajetória de sofrimento, perdão e fé a tornou conhecida como intercessora em causas impossíveis, sendo venerada por milhões ao redor do mundo, especialmente no Brasil, onde sua festa mobiliza comunidades como as de João Monlevade e Pacas. A primeira igreja em sua honra, na América Latina, está no centro do Rio de Janeiro.

A cada mês de maio, o som dos sinos, as orações e os encontros comunitários renovam não apenas a devoção, mas também a tradição que se transforma em patrimônio imaterial, inspirando a comunidade. Exemplos de fé como o de Dona Ritinha e da comunidade são um verdadeiro símbolo da força cultural e espiritual de Monlevade e região.



Reprodução

Dona Ritinha: um século de devoção à Santa Rita

A educação antirracista deve ser ação disruptiva

Por Gláucio Santos



O processo disruptivo não é de longe uma novidade para o mundo globalizado. As inovações chegam cada vez mais rápidas às nossas telas por meio de ações publicitárias nos apresentando novas formas de conexão, de fazer negócios e de avançar tecnologicamente nos mais diversos setores de diferentes sociedades.

Dada a relevância das tecnologias digitais, no campo social, ora assistimos, divulgamos ou protagonizamos no percurso da própria vida avanços importantes que garantem visibilidade, dignidade, reconhecimento e direito às pessoas.

E justamente por considerar os tempos disruptivos no qual estamos inseridos, de forma mais específica, a proposta de uma educação antirracista, que é impulsionada pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, é um importante farol para as professoras(es). A legislação quer romper com a lógica eurocêntrica instalada na sementeira do Brasil e que ainda perdura em muitos nichos sociais.

E a pergunta que muitos docentes apresentam no debate sobre a necessidade de valorização das questões étnico-raciais é como fazer o processo de educação antirracista

funcionar? Acadêmicos negros e indígenas têm pavimentado a estrada com proposições para responder a pergunta central.

Apresento alguns nomes que podem contribuir com uma nova leitura sobre as questões étnico-raciais: Abdias Nascimento, Adilson Moreira, Ailton Krenak, Alessandra Devulsky, Angela Davis, Cida Bento, Conceição Evaristo, Chimamanda Ngozi Adichie, Djamil Ribeiro, Macaé Evaristo, Nilma Lino Gomes, Silvio de Almeida. E não podemos deixar de considerar os movimentos sociais e todas aquelas pessoas que desde o movimento abolicionista brasileiro se empenharam na defesa do direito do homem e da mulher pretos de existirem e viverem com dignidade e igualdade de acesso aos diferentes espaços sociais.

Mas a ação precisa ser mais profunda que as propostas pedagógicas para as salas de aula. Comprar livros, bonecas, jogos e oferecer formação são ações indispensáveis,

assim como a existência de núcleos de estudos e pesquisas, dentre outras alternativas.

O que eu quero dizer é que paralelo a qualquer ação pedagógica devemos observar como está a escada de acesso aos cargos de comando no mundo corporativo. É preciso garantir a promoção de protagonistas negros e indígenas para que tenham condições de eles mesmos provocarem os debates, as formações e as ações disruptivas. Ao contrário, ainda assistimos pessoas negras ocuparem determinados espaços na perspectiva de objeto de estudo, de pesquisa e de publicidade, não como protagonistas, mas como coadjuvantes. Este cenário inclusive tem sofrido alterações, mas ainda estamos longe de uma possível equidade.

Por outro lado, rapidamente, para refletirmos mais um pouco sobre este aspecto, algumas organizações elegem porta-vozes que não representam determinado seguimento da diversidade, seja por uma questão

identitária ou porque não têm condições de movimentar profundamente o campo social para o debate e as devidas mudanças.

Quero dizer que a quebra de paradigmas deve ser de ponta a ponta e não deve ter como único propósito reservar uma vaga para uma pessoa negra na perspectiva de publicizar uma suposta defesa da equidade racial.

A educação antirracista deve ser dis-

ruptiva e, a meu ver, não está restrita à sala de aula, aos docentes, aos negros e aos indígenas. É um dever da sociedade combater o racismo estrutural, religioso, ambiental etc.

Falar de educação antirracista sem um movimento disruptivo profundo pode ser lido como ação inócua, portanto, sem compromisso com o sentido maior de construção de uma sociedade mais justa.

Relembrando a tra-

jetória de muitos que vieram antes de nós, a luta do povo negro e indígena por liberdade e direito de existir foi permeada por todo tipo de violências, como assassinatos, torturas, perseguições e ameaças. E pela luta de homens e mulheres valentes, chegamos até aqui. Por isso, não tenhamos medo de promover ações disruptivas, mesmo diante dos ventos contrários. Não estamos sozinhos. (Re) Existimos!



(*) Gláucio Santos é educador étnico-racial, professor da educação básica e jornalista. Mestre em Educação

25.05
a
01.06

SEMANA CULTURAL

2025

25.05 | DOMINGO
 • Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante
 19:30 Grupo Vocal e Quinteto da Orquestra Opus
 – Música Colonial Mineira

26.05 | SEGUNDA-FEIRA
 • Casa da Chácara
 19:30 Grupo Musical Família Rodrigues

27.05 | TERÇA-FEIRA
 • Centro Cultural
 Teatro infantil: Lampiãozinho e Maria Bonitinha
 1ª Sessão 18:30 | 2ª Sessão 20:00

28.05 | QUARTA-FEIRA
 • Casa das Artes
 19:00 Abertura da exposição "Salve Maria"

29.05 | QUINTA-FEIRA
 • Centro Cultural
 08:00 3º Fórum do Patrimônio Cultural

30.05 | SEXTA-FEIRA
 • Praça Central
 19:00 Teatro: O Auto Da Compadecida

31.05 | SÁBADO
 18:00 Levantamento de Mastro / Mistérios do Rosário • Praça 1º de Março
 20:00 Dança: Grupo Sarandeiros
 – Espetáculo Dança Brasil • Praça Central

01.06 | DOMINGO
 2º ENCONTRO DOS 7 IRMÃOS DO REINADO
 08:30 Cortejo • Escola Integral até a Igreja do Rosário
 10:30 Missa Conga • Igreja do Rosário

São Gonçalo do Rio Abaixo
vive novas conquistas

@saogoncalodorioabaixo
www.saogoncalo.mg.gov.br

Festival Baobá 2025 traz grandes nomes da música negra

Black Pantera, BNegão, Fat Family, FBC, Froid e Mannda Lym se apresentam na Praça do Povo

João Monlevade se prepara para viver uma explosão de cultura, ancestralidade e música de alta qualidade com o Festival Baobá 2025, que chega com uma programação nacional de peso. As atrações são Black Pantera, BNegão, Fat Family, FBC, Froid e Mannda Lym são as atrações confirmadas que prometem agitar o palco do festival de forma gratuita e memorável.

Com proposta afirmativa e voltada para a valorização da cultura negra, o Festival Baobá se consolida como um dos eventos culturais mais importantes da cidade e da região. Mais do que um festival musical, o Baobá é um manifesto de resistência, identidade e celebração da diversidade.

O line-up de 2025 reforça esse compromisso. A banda Black Pantera, conhecida por seu som potente que mistura hardcore e crítica social, divide espaço com o rapper e ativista BNegão, referência no hip hop nacio-

nal e na luta antirracista. Também sobem ao palco os lendários Fat Family, que trazem toda a força de seus vocais inconfundíveis e uma trajetória marcante na música brasileira.

A nova geração também marca presença com nomes como FBC, que vem conquistando o país com um rap ousado e cheio de brasilidade, o lírico e contundente Froid, e a artista Mannda Lym, cuja performance carrega identidade e empoderamento em cada verso.

Com entrada totalmente gratuita, o Festival Baobá é uma oportunidade única de vivenciar o que há de mais autêntico na música e na cultura afro-brasileira contemporânea. O Festival Baobá está de volta e a cidade vai pulsar em celebração, talentos, arte, troca e ancestralidade. É potência preta ocupando tudo com orgulho e presença. Uma festa mágica," anuncia a diretora da Fundação Casa de Cultura, Nadja Lírio.



Divulgação

O rapper BNegão leva sucessos e muito agito para a Praça do Povo

Confira a programação:

Sexta | 06/06

18h - Xirê

18h50 - Roda de Capoeira - ACAZUMP

19h40 - Cortejo dos Congados - Guarda de Congo e Guarda De Marujos Nossa Senhora Do Rosário

20h30 - Família Alcântara Coral

21h30 - Grupo Tradicionalmente (Roda de Samba)

Sábado | 07/06

16h30 - Batalha de Rap - Batalha da Fênix

17h30 - RAP COLETIVO FLUXO LIVRE

18h20 - Pagode das Pretas - Mannda Lym convida Raquel Moreira

20h00 - FROID

21h00 - FBC

23h00 - Fat Family

*NO CHÃO: DANÇA COM "MOVIMENTO URBANO"

Domingo | 08/06

14h - Acauã - Respira - Instrumental

15h30 - Juliana Shiutz e Banda

17h00 - Bateria Tambores do Morro

18h00 - Simplicidade Samba

20h00 - BNegão + Iconilli

22h00 - Black Pantera

Intervenções: Espaço Beleza Preta com transcitas e maquiadora (Domingo 08/06 13h às 23h).

Espaço Infantil Multimidia:

Fala Quilombinho (07 e 08 de junho durante o evento).

Grafite com o artista visual Ed-Mun @edmunpdf

Mais cultura e arte para Bela Vista de Minas

Dois importantes projetos culturais da Fundação ArcelorMittal têm levado arte, educação e transformação social para os estudantes de Bela Vista de Minas. O projeto Acordes, iniciado em 2024, oferece aulas semanais de musicalização nas escolas municipais, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças e adolescentes. Em 2025, o projeto ganhou ainda mais visibilidade com apresentações especiais no aniversário da Escola Municipal Sebastião de Ávila, em março, e nas comemorações dos 61 anos do território, no mês de abril.

Já o projeto La Favelinha, conhecido por seu impacto social em diferentes regiões do Brasil, chegou à cidade no último mês de abril, com oficinas de capoeira e passinho na

Escola Estadual Padre Oswaldo de Podestá, envolvendo 42 alunos. A iniciativa incentiva o empreendedorismo social, o pertencimento e o protagonismo juvenil por meio da arte e da cultura periférica.

Os projetos foram recebidos com entusiasmo pelas escolas e pela comunidade local, reafirmando o poder da cultura como ferramenta de inclusão, identidade e cidadania. "Iniciativas como essas são fundamentais para a comunidade. Ao trazer oficinas como dança e capoeira, o projeto não só amplia o acesso à arte e cultura, mas também cria oportunidades de transformação na vida dos jovens", afirma Camila Sales, analista de Relacionamento com a Comunidade da ArcelorMittal.

Margarida

Por Mário Ananias

J

unho, na Vila Tanque, bairro operário em João Monlevade, é muito frio. A região comporta casas simples, algumas ainda preservadas, de madeira com arquitetura que, talvez por imagens de filmes europeus, me lembravam estações ferroviárias em países frios e distantes. Às vezes com pinturas verde-petróleo ou alguma que remetesse à ferrugem, fato que reforçava a conexão.

Como natural naquela cidade, a Vila Tanque se equilibra numa estreita faixa alta de colina abraçada pela avenida do Contorno que delimita suas curtas ruas, sem outros cruzamentos. Vários irmãos e eu, nascemos na rua 8, casa 45, a única que tem saída para a que leva ao Hospital Margarida, inaugurado em 1952, cinco anos antes de meu nascimento.

Interessante é que naquele mesmo ano, houve uma das maiores epidemias de “paralisia infantil”, nos Estados Unidos. Uma pesquisa entre os americanos mostrou que o maior medo da população era uma guerra atômica. Afinal, havia apenas sete anos do lançamento das duas, no Japão, que puseram fim ao imenso conflito. Além disso, outras nações, passaram a dominar essa terrível tecnologia bélica. A segunda era a poliomielite.

Último da família a nascer pelas mãos de parteira. Os três irmãos que me sucederam nasceram no Hospital Margarida, um edifício majestoso que, ainda em funcionamento, é hoje parte do acervo cultural arquitetônico na região do médio Parnaíba.

Enquanto o Brasil perdia o grande Francisco Alves e ganhava outro excelente cantor, Elymar Santos, as rádios executavam lançamentos que fizeram a história da música brasileira, como “Nunca”, de Lupicínio Rodrigues; “Folha Morta” do mineiro ubaense, Ary Barroso; e “Ninguém me Ama”, de Antônio Maria e Fernando Lobo, que rompeu fronteiras e foi interpretada, inclusive, pelo magistral Nat King Cole. Todavia, Fernando Lobo, pai do também genial Edu Lobo, se ressentia do sucesso internacional que a música fez sem que lhe pagassem qualquer direito autoral.

Meu primeiro atendimento, quando, ao final de 1957, fui acometido pela poliomielite, foi pela médica Dra. Deia. Foi dela o diagnóstico perturbador que, segundo meus irreverentes irmãos mais velhos, teria vaticinado:

- Existe um grande risco de esse menino vir a óbito, pois essa doença é muito perigosa. Também pode acontecer, dependendo do grau de afetação que o vírus provoque, que tenha que viver “entrevado” para sempre numa cama. Ou uma última opção, ele vai ficar bastante abobalhado.

Acredito que, de certa forma, tive bastante sorte: Não morri e nem fiquei com os movimentos completamente tolhidos em razão da enfermidade.

Nesse hospital, fui também submetido a duas “cirurgias experimentais”, que buscavam corrigir os danos provocados pela patologia, como se houvesse alguma possibilidade de reversão dos estragos a partir dos membros afetados. Na verdade, trata-se de uma infecção viral que ataca a medula espinhal, interrompendo o fluxo de controle que permite o desenvolvimento muscular adequado.

Apesar de se tratar de uma doença conhecida desde 1840, cujo vírus fora isolado em 1908, ainda se engatinhava nos tratamentos; não havia tantas certezas e nem mesmo qualquer vacina estava disponível. Contudo a tentativa foi perfeitamente válida. Salve o Margarida.

Foto: Reprodução

Hospital Margarida é um dos patrimônios de Monlevade



(*) Mário Ananias é monlevadense, servidor público, escritor, palestrante e autor do livro: Sobre Viver com Pólio. Contato: mariosrananias.com.br/

Semana Cultural de São Gonçalo movimentará a cidade com várias atrações



Acom/PMSGRA

Sarandeiros” traz as cores do Brasil a São Gonçalo

A partir de domingo, 25 de maio, até o dia 1º de junho, São Gonçalo do Rio Abaixo se transforma em um grande palco para celebrar a cultura, a tradição e a diversidade artística. A Semana Cultural 2025, promovida pela Prefeitura por meio da Secretaria de Cultura e Turismo, chega com uma programação gratuita e variada, contemplando públicos de todas as idades em diferentes pontos da cidade.

Conforme a administração municipal, a proposta do evento é valorizar as manifestações tradicionais, dar visibilidade aos artistas locais e reforçar a identidade cultural do município e também da região. Música, teatro, exposições e encontros religiosos compõem um roteiro que promete emocionar e encantar os moradores e visitantes.

A Semana Cultural de São Gonçalo do Rio Abaixo reafirma o papel da cultura como instrumento de integração social, preservação da memória e celebração da diversidade.



Acom/PMSGRA

O “Auto da Compadecida” levará humor à noite de sexta (30)

Programação em Destaque

Domingo – 25/05

A abertura oficial acontece às 19h30 na Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante, com o prestigiado Coral BDMG. O grupo apresenta um repertório dedicado à Música Colonial Mineira, resgatando obras sacras e barrocas que compõem o patrimônio imaterial do estado.

Segunda-feira – 26/05

Às 19h, a Casa da Chácara recebe o Grupo Musical Família Rodrigues, que une tradição e modernidade em um repertório que mistura canções regionais com influências contemporâneas.

Terça-feira – 27/05

A magia do teatro infantil toma conta do Centro Cultural com o espetáculo “Lampiãozinho e Maria Bonitinha”, apresentado pela Cyntilante Produções às 19h. Diversão garantida para as crianças e suas famílias.

Quarta-feira – 28/05

A Casa das Artes abre as portas, às 19h, para a exposição “Salve Maria”. A mostra reúne obras de artistas locais com temática religiosa, destacando o olhar sensível da produção artística gonçalense.

Quinta-feira – 29/05

O 3º Fórum do Patrimônio Cultural será realizado no Centro Cultural a partir das 8h. O encontro reunirá especialistas e representantes da comunidade para debater a importância da preservação da memória e do patrimônio histórico da região.

Sexta-feira – 30/05

Na Praça Central, às 19h, o clássico nordestino “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, será encenado em uma montagem que promete emocionar o público com humor e crítica social.

Sábado – 31/05

A Praça 1º de Março será palco de manifestações populares e folclóricas. Às 18h, acontece o tradicional Levantamento de Mastro e Mistérios do Rosário, seguido, às 20h, pelo espetáculo “Dança Brasil”, com o Grupo Sarandeiros, que celebra a pluralidade dos ritmos e danças do país.

Domingo – 01/06

Encerrando a semana com fé e festa, o 2º Encontro dos Sete Irmãos do Reinado começa às 8h30 com cortejo saindo da Escola Integral Maria de Lourdes rumo à Igreja do Rosário. Às 10h30, a Missa Conga encerra as celebrações, em um momento de profunda devoção e identidade afro-mineira.

A incrível história de São Domingos do Prata, terra de fé, coragem e aventura

Você já ouviu falar de um homem que desbravou uma floresta, se perdeu por dias, sobreviveu comendo raízes e frutas... e ainda fundou uma cidade?

Pois é! Essa é a história real de Domingos Marques Afonso, o primeiro desbravador de São Domingos do Prata, município do Médio Piracicaba. Tudo começou

com a concessão de uma sesmaria a ele, por volta de meados do século XVIII.

Enxergando ali potencial para a agricultura, Domingos Marques Afonso iniciou a ocupação da

área. Mas, ao se aventurar pelas densas matas da região, acabou se perdendo na floresta, onde ficou por vários dias.

Reza a lenda que, enquanto estava perdido, correndo riscos diversos na mata, ele fez uma promessa para São Domingos Gusmão de quem era devoto de que, se fosse salvo, doaria um terreno para construir uma capela. Além disso, mandaria vir de Portugal uma imagem do santo. Com fé e coragem conseguiu voltar com segurança para casa.

Em 1760, Domingos Marques Afonso e Antônio Alves Passos

deram início a construção da capela cumprindo a promessa. No local, hoje, está a imponente Igreja Matriz de São Domingos do Prata que guarda a imagem do padroeiro.

DISTRITOS

São Domingos do Prata, além da sede, tem 5 distritos: Cônego João Pio (também conhecido como Teixeiras), Ilhéus do Prata, Juiraçu (também conhecido como Santa Izabel), Santana do Alfié e Vargem Linda.

São Domingos do Prata e seus Distritos têm muita história, memória e cultura viva. Há tradições quilombolas, culinárias, religiosas, do folclore, lendas e muito mais. Vale visitar e conhecer!

Fotos: Reprodução



Imagem de São Domingos, que veio de Portugal, a pedido de Domingos Marques Afonso



Matriz de São Domingos do Prata é um dos destaques arquitetônicos da região